

A construção da imagem de Flora em *A Favorita*: entre delicadeza e dissimulação¹

Hannahbella Costa Queiroz²

Beatriz Motta Brandão³

Janaina Frechiani Lara Leite⁴

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Resumo

A novela *A Favorita*, lançada em 2008 pela Rede Globo, apresenta uma trama em que os papéis tradicionais de vilã e mocinha não estão claramente delimitados, o que a distingue de telenovelas tradicionais. O presente artigo procura compreender a produção de João Emanuel Carneiro, destacando, a partir da análise da imagem, que pontos o autor utilizou para despertar no público um sentimento de dúvida a respeito da natureza da personagem Flora.

Palavra-chave: A favorita; telenovela; narrativa; vilania.

Introdução

A dúvida como recurso narrativo é uma das estratégias mais eficazes para engajar o público em obras ficcionais, sobretudo em formatos seriados como as telenovelas. Como aponta o filósofo Umberto Eco (1994), a ambiguidade nas narrativas estimula a atividade interpretativa do leitor ou espectador, tornando-o co-autor do sentido. A novela *A Favorita*, exibida em 2008 pela Rede Globo, trata da rivalidade das personagens Flora e Donatela, que costumavam ser amigas. Porém, o laço rompeu-se após o marido de Donatela ser assassinado e Flora ser apontada como a principal suspeita e, posteriormente, ser presa pelo ato. A trama inicia-se 18 anos após o crime, com Flora, agora liberta, tentando convencer todos a respeito de sua inocência.

Apesar de outros enredos estarem ocorrendo simultaneamente na produção, essa incerteza a respeito do autor do assassinato é elevada ao centro da trama com a personagem Flora, construída de forma ambígua e estrategicamente enigmática. Mais do que uma vilã ou heroína, ela é uma figura que desafia o olhar do espectador,

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Audiovisual e Mídias Sonoras, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, e-mail: hannahbellaqueiroz@gmail.com.

³ Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, e-mail: beatrizmottabrandao@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho e professora do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, e-mail: janaina.leite@ufes.br.

subvertendo expectativas e tensionando a fronteira entre aparência e essência, verdade e manipulação.

Ao longo dos primeiros capítulos, a novela não revela quem, de fato, fala a verdade — Flora ou sua rival Donatela — e é justamente nesse intervalo de indefinição que se insere uma complexa rede de sentidos visuais, gestuais e discursivos que envolvem a imagem de Flora. Seu rosto calmo, sua voz doce e sua postura aparentemente frágil contrastam com insinuações de passado criminoso, criando uma personagem que desperta, ao mesmo tempo, empatia e desconfiança.

Essa construção imagética é central para a experiência do público, pois desloca a noção tradicional de vilania para uma zona de ambiguidade, em que os signos visuais — figurino, enquadramentos e expressões faciais — operam como pistas semióticas que os espectadores são convidados a interpretar. Flora deixa de ser apenas uma personagem para se tornar uma imagem em disputa, um enigma a ser decifrado em tempo real.

Assim, esse artigo propõe uma análise da imagem de Flora enquanto vetor de incerteza, refletindo sobre como sua representação desafia os códigos tradicionais da narrativa melodramática e ativa um papel mais participativo do público no julgamento moral da história.

Metodologia

O presente artigo utiliza como método a análise de imagem, entendida como uma forma de leitura crítica das construções visuais em produtos midiáticos. Esta escolha se justifica pelo papel fundamental que os elementos visuais desempenham na construção da narrativa da novela *A Favorita* (2008), sobretudo na construção ambígua da personagem Flora.

De acordo com Coutinho (2005), a leitura das imagens deve ser realizada considerando tanto os elementos estéticos, como cores, enquadramento, movimentos de câmera e composições de cena, quanto os elementos simbólicos e discursivos. Para a autora, toda imagem tem uma intenção e, justamente por isso, deve ser analisada como um texto, podendo ser situada nos contextos sociais em que está presente e repleta de significados possíveis. Sendo assim, os signos visuais devem ser entendidos como pistas apresentadas ao espectador, que é convidado a interpretá-las no decorrer da obra.

Além disso, a análise adotada considera a imagem como uma forma de narrativa e como qualquer representação visual de uma pessoa ou de um objeto que transmita significado. Nesse sentido, este artigo se baseia também na visão de que:

[...] a análise e a apreensão das imagens não devem ser feitas a partir de categorias linguísticas, mas pelo que considera como unidades propriamente visuais: figuras geométricas, ângulos de câmera, tipo de montagem, entre outros (Vilches, 1991).

Para isso, foram analisados os elementos visuais que compõem a personagem Flora na novela, antes e depois da revelação de sua vilania. Tais elementos são: o figurino, o tipo de maquiagem usada, a postura corporal da personagem, os enquadramentos, as expressões visuais e a trilha sonora que a apresenta. Esses aspectos, aliados à atuação da atriz Patrícia Pillar, criam uma atmosfera de ambiguidade que ativa a dúvida no público e manipula a percepção moral da personagem

Assim, a análise de imagem permite investigar como a linguagem visual contribui para construir Flora como uma figura instável, que transita entre uma vítima injustiçada e uma vilã fria e manipuladora. Essa complexidade visual, reforçada pelas escolhas estéticas do autor, justifica o uso desta metodologia para que seja realizado um estudo aprofundado sobre seus trejeitos e da forma como seu caráter entra em disputa na interpretação dos telespectadores

Breve resumo da novela

A novela *A Favorita*, criada por João Emanuel Carneiro, foi lançada e exibida pela Rede Globo entre junho de 2008 e janeiro de 2009 com um total de 197 capítulos. A produção traz como trama principal a rivalidade de Flora (Patrícia Pillar) e Donatela (Cláudia Raia), que antes eram amigas, mas tiveram o laço desfeito após Flora ter sido acusada de assassinar o marido de Donatela, Marcelo (Flávio Tolezani). A acusada, então, é presa e passa a cumprir uma pena de 18 anos pelo crime. A novela inicia no dia em que a mesma é libertada e, nos capítulos posteriores, o público acompanha a perseverança de Flora em tentar contatar sua filha Lara, que acabou sendo criada por Donatela. Da mesma forma que Flora é obstinada em encontrar a menina, Donatela também compartilha da mesma característica, porém com a intenção de afastar a ex-amiga de sua família.

Além disso, ainda que Flora tenha sido responsabilizada pela morte de Marcelo, ela insiste em dizer que é inocente e aponta Donatela como a verdadeira autora do crime. A dinâmica das personagens passa a transmitir dúvida, pois Flora transmite confiança e convencimento em seus argumentos, e Donatela, muitas vezes, exprime desespero para provar que está sendo acusada injustamente. A personalidade das duas contrastam neste sentido: Flora com seu modo calmo e delicado, enquanto Donatela possui uma forma de agir considerada bruta. Essa dinâmica continua ocorrendo até o momento em que Flora confessa que, de fato, é a verdadeira assassina de Marcelo.

Segundo o Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), em 2008, a estreia da novela marcou 35 pontos de audiência, tornando-se assim a pior dos últimos anos para uma novela das 21h. Houve altos e baixos durante a trama, com capítulos batendo 40 pontos, e o penúltimo e o último capítulo com médias de 50 pontos cada um. Após o fim em 2009, foi reprisada em 2022 pela Rede Globo no bloco de reprises de telenovelas, “Vale a Pena Ver de Novo”.

A desconstrução do maniqueísmo em *A Favorita*

Tradicionalmente, a teledramaturgia brasileira é marcada pelo melodrama, uma forma narrativa herdada do teatro popular europeu e muito caracterizada por forte carga emocional, personagens tipificados e polarização moral ao colocar em conflito claro as forças tidas como do bem e do mal (Tillmann, 2024). De acordo com Santos (2020), neste contexto, os personagens podem ser bem definidos em heróis ou vilões, o que permite ao público uma leitura emocional direta e previsível da narrativa que está sendo contada.

No entanto, essa estrutura tradicional é rompida na trama da novela *A Favorita* (2008) na medida em que são construídos personagens ambíguos que instauram a dúvida como um motor narrativo, subvertendo os códigos clássicos do melodrama e da lógica maniqueísta. Durante mais de 50 capítulos, as personagens Flora e Donatela disputam entre si as vagas de mocinha e vilã, apresentando ao público duas possíveis versões da história, sem de fato revelar qual delas é a verdadeira.

Essa ambiguidade, porém, não se dá apenas na esfera textual, mas também na maneira como as personagens são construídas visualmente. Conforme o já apontado por Coutinho (2005), a imagem deve ser tomada como um texto que contém

intencionalidade e que é constituído de signos e códigos que serão interpretados por quem a observa. No caso da novela, elementos como o figurino, a iluminação e o enquadramento, por exemplo, atuam em conjunto com a narrativa escrita para produzir sentidos ambíguos.

Enquanto Flora, inicialmente, é apresentada carregando elementos que lhe conferem pureza e inocência, como vestimenta simples de cores claras e maquiagem suave, Donatela exibe características físicas mais intensas e um figurino marcante e escuro, que poderiam facilmente ser relacionadas a uma vilã no melodrama tradicional. Essa inversão de arquétipos usuais trabalha na construção de uma incerteza que se arrasta por boa parte da trama.

Figura 1 — Diferença de estilos de Flora e Donatela



Fonte: Reprodução/TV Globo

Por esse motivo, a revelação da vilania de Flora, já no capítulo 56, quando confessa seus crimes a Silveirinha (Ary Fontoura) e abandona de vez a simulação de bondade, tornou-se um grande marco em *A Favorita* (2008). A encenação da personagem até esse ponto, como discute Goffman (2002), é formulada para atender às expectativas dos telespectadores e, nesse caso, funciona como uma ferramenta de manipulação narrativa.

Como aponta Santos (2020), os signos visuais e a atuação da atriz não permitiram uma clara leitura moral da personagem até a reviravolta. Esse jogo entre aparência e verdade é a ruptura que a novela promove em relação ao clássico melodrama e que retira do público a segurança emocional comum ao gênero.

Figurino, cores e postura corporal como sinais de manipulação

O corpo, o vestuário e os gestos de um indivíduo funcionam como um sistema de signos, mesmo que não seja utilizado o uso da fala (Barthes, 1984). Esses elementos, mesmo que não percebidos com essa importância, possuem o poder de revelar a intenção e a identidade de alguém. A sociedade atual é constantemente atravessada por imagens e discursos, tornando assim a aparência e o comportamento em uma linguagem que carrega significados e expectativas. Assim, o modo como os indivíduos se apresentam diante do outro são moldados por um contexto mais amplo pois

Todos os meios agem sobre nós de modo total. Eles são tão penetrantes que suas consequências pessoais, política, econômicas, estéticas, psicológicas, morais, ética e sociais não deixam qualquer fração de nós mesmos inatingida, intocada ou inalterada. O meio é a mensagem. Toda compreensão das mudanças sociais e culturais é impossível sem o conhecimento do modo de atuar dos meios como ambiente. (McLuhan, 1969, p. 54 *apud* Assunção, 2014, p. 23)

Não obstante, apesar de o uso e a prática desses elementos representarem um indivíduo, a personagem Flora, com sua aparência e comportamento, vai de encontro à afirmação de McLuhan. Ela utiliza os códigos desses meios para distorcê-los a seu favor, transformando a aparência em uma armadilha. Toda a construção de sua personagem é cuidadosamente elaborada para induzir ao erro.

Na primeira fase da trama, antes da descoberta da verdadeira assassina, Flora utilizava roupas básicas, discretas e de cores suaves. As blusas simples e as calças jeans que usa, evocam um sentimento de que é uma mulher humilde e inofensiva, ajudando assim na construção da imagem de uma mulher comum em uma situação frágil. A imagem dela, somada às situações em que a mesma passa no começo da novela, despertam um sentimento maior de pena e empatia do que de temor.

As cores escolhidas para o figurino de Flora atuam como uma extensão visual da mesma, influenciando na forma como ela é percebida pelas pessoas. Cores claras como verde, lilás e branco foram majoritariamente utilizadas por ela e o uso das mesmas desperta sensações em que vê. São cores que despertam calma, equilíbrio, delicadeza, pureza e paz, com destaque para o uso do branco que levanta uma sensação de inocência, ponto importante para a personagem.

Ao mesmo tempo, é evitado o uso de roupas justas ou que sejam chamativas, diferentemente de sua inimiga Donatela, que as utiliza desde o primeiro capítulo da novela, enquadrando-se assim no estereótipo de vilã na dramaturgia. Aliás, esse é um dos pontos que beneficiava Flora no início da novela, quando precisava fugir frequentemente de pessoas contratadas por Donatela para vigiá-la. A roupa dela tinha poder de fazer com que se camuflasse em meio a uma multidão, sumindo para quem a perseguia e também andando entre as pessoas sem levantar suspeita a respeito de seu comportamento.

Figura 2 — Vestuário de Flora na primeira fase



Fonte: Reprodução/TV Globo

Esse tipo de roupa comunica um arquétipo de “boa moça”, alguém que não tem maldade. E é justamente isso que torna a personagem uma manipuladora eficaz pois, assim como diz Goffman (2002), “a vida cotidiana é comportada por atos representacionais. O indivíduo controla o que deixa ver e o que oculta”. Ou seja, Flora induz os outros ao erro sem precisar mentir diretamente, ela encena.

A respeito da postura adotada durante o período pré-descoberta da verdadeira vilã, a personagem se apresenta com movimentos e gestos suaves. O corpo fala mesmo quando está em silêncio (Bourdieu, 2000). No caso de Flora, seu corpo raramente ocupa espaço e os gestos nunca são expansivos, ela não aponta ou impõe as mãos a ninguém. Assim que sai da prisão, se apresenta a outras pessoas com um tom de voz suave e a cabeça levemente abaixada, transmitindo humildade e submissão a quem conversa. Até

mesmo quando fala, seus movimentos são controlados e calmos, como se estivesse em um gesto de autoproteção.

Ademais, o olhar de Flora é um dos grandes destaques na construção de sua personagem e é um dos pontos de mais eficiência no convencimento de sua possível e duvidosa inocência. Antes de ser revelada como vilã, ela sustenta um olhar constantemente doce, úmido, quase infantil, como se estivesse sempre à beira do choro. Essa expressão transmite vulnerabilidade, fragilidade emocional e um desejo profundo de ser compreendida, despertando empatia. Frequentemente, seus olhos parecem procurar aprovação e acolhimento, evitando o confronto direto e o olhar fixo por um período longo de tempo, reforçando sua imagem de mulher sensível. Esse recurso é essencial para que a manipulação seja bem feita. Seu olhar é um meio silencioso, mas poderoso, que mascara as verdadeiras intenções e sustenta a ilusão de inocência por grande parte da novela.

A performance da vilania de Flora após a revelação

A partir do capítulo 56, quando finalmente é revelado ao público que Flora é a verdadeira vilã da história, a construção da personagem muda de forma significativa. A ambiguidade, reforçada por um conjunto de elementos visuais que a posicionaram como uma possível vítima, agora é desconstruída e altera a forma como a personagem performa na narrativa da novela. Flora assume uma nova postura, abandona os trejeitos de vítima e adota um comportamento consciente de sua crueldade e de seu poder.

Para essa mudança de papel, foi necessário adaptar também os elementos técnicos da teledramaturgia que moldam um personagem. Assim como pontua Tillmann (2022), personagens femininas ambíguas nas telenovelas brasileiras são construídas a partir de um conjunto de códigos visuais que se reorganizam conforme a posição narrativa da personagem. No caso analisado, após a revelação, o ritmo das cenas desacelera, os enquadramentos se tornam mais fechados e os silêncios passam a carregar mais tensão.

Essa nova fase também é marcada por alterações nos elementos visuais que compõem a personagem. Após a revelação, Flora apresenta um visual mais complexo e passa a usar roupas mais escuras e acessórios mais marcantes e estruturados. Ainda nesse sentido, a vilã agora usa uma maquiagem mais definida, com olhos marcados, o

que lhe confere um olhar mais penetrante. Dessa forma, a vilania de Flora se torna algo compreendido e sentido visualmente.

Em relação ao seu comportamento, Flora é agora mais confiante e irônica. O sorriso doce dá espaço para o deboche; o olhar inseguro agora é firme e decidido; a postura de incerteza agora é firme. Agora, a personagem não precisa mais convencer a ninguém sobre sua inocência, logo, age consciente de que todos já sabem de seu verdadeiro caráter, assumindo de vez a posição de antagonista da história contada.

Ademais, a mudança de performance é acompanhada por novas configurações na linguagem audiovisual aplicada. Segundo Coutinho (2005), a análise de imagem deve considerar, além dos elementos técnicos como enquadramento, luz, cor e composição, os aspectos temporais e cinéticos das imagens em movimento, como a duração das cenas, o ritmo da edição e os movimentos de câmera. Nesse caso, a edição da segunda fase da novela também passa a favorecer planos mais longos, com certo foco nas expressões de Flora, para que o público possa de fato “ver” a vilania da personagem em ação. Os cortes são menos abruptos, e, constantemente, Flora aparece sozinha, centralizada em cena, o que cria a sensação de que existe uma relação de comunicação entre olhares do público com a personagem.

Dessa forma, vale considerar que mesmo após a revelação, a construção da imagem de Flora permanece complexa. Assim como defende Coutinho (2005), a imagem é um texto visual polifônico, no qual convivem múltiplos sentidos e operadores não verbais, como luz, cor, ritmo, contraste e composição das cenas. A nova fase da personagem não abandona os códigos de imagem, mas os ressignifica. A vilania, agora declarada, continua atuando por meio de escolhas visuais estratégicas, que trabalham em conjunto com o texto verbal para reforçar a ideia desejada pelo autor.

Considerações Finais

Em suma, a análise de imagem de Flora evidencia a capacidade da televisão de se apropriar de elementos visuais para contar histórias de forma sutil, porém poderosa. Ao longo da novela, Flora, ao invés de ser apenas uma personagem para o público, tornou-se um quebra-cabeça, um enigma difícil de ser decifrado tanto pelos próprios personagens da novela, quanto pelo público. Sua construção imagética desestabiliza as certezas do cotidiano e força o questionamento ao que é dito e feito na tela.

O estudo desta personagem também permite compreender como a telenovela, enquanto um produto midiático, mobiliza recursos visuais e narrativos para construir uma experiência sensorial, simbólica e crítica. Assim, a análise da imagem se revela como uma ferramenta essencial para interpretar a complexidade das representações televisivas contemporâneas.

Nesse sentido, *A Favorita* não se limita ao entretenimento, mas se configura como uma produção que convida à reflexão sobre como o público julga e interpreta outras pessoas, especialmente quando a imagem é cuidadosamente manipulada para gerar dúvida, empatia ou rejeição. A análise dessa personagem permite compreender de que forma a linguagem visual, na televisão, não apenas acompanha a narrativa, mas também atua como uma força ativa na construção dos sentidos.

Referências

ASSUNÇÃO, Rafaela Alves Ribeiro. **A percepção do público em relação à influência do figurino na construção do personagem: personagens da novela Avenida Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário de Brasília, 2014.

BARTHES, Roland. **O Óbvio e o Obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2000.

COUTINHO, Iluska. Leitura e análise da imagem. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 349-359.

ECO, Umberto. **Lector in fabula: A cooperação interpretativa nos textos narrativos**. 2. ed. Tradução de João Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1994.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

REDAÇÃO. “A Favorita” bate recorde de audiência e chega aos 40 pontos. UOL Televisão, São Paulo, 17 jun. 2008. Disponível em: <https://televisao.uol.com.br/ultnot/2008/06/17/ult4244u1088.jhtm>. Acesso em: 10 jun. 2025;

SANTOS, João Pedro Rodrigues. **A construção da vilania na personagem Flora, da novela A Favorita**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2023.

TILLMANN, Juliana. **Entre mocinhas e vilãs: a construção da ambiguidade em personagens femininas nas telenovelas brasileiras**. Artigo apresentado no 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

VILCHES, Lorenzo. **A leitura da imagem**. São Paulo: EPU, 1991.